

Pré-Vestibular Comunitário de Mangueiras

XIII Sarau Poético

Velando Machado



Apresentação

O décimo segundo Sarau Poético do PVCM tem um sabor especial. Este livreto poderia ser, inclusive, considerado uma edição extra, fora de série. Mas preferimos numerá-lo na sequência, pois cada um de nós, professores e alunos que fazem o PVCM acontecer desde 2001, sabemos que cada Sarau, cada evento, e mais, cada aula que realizamos é fora de série.

O engajamento voluntário, a consciência social e o desprendimento de cada um dos professores e alunos é o que garante a permanência do movimento que atua, há quase dez anos, construindo a dignidade, através da educação, da cultura e da participação social, junto aos jovens (de todas as idades) estudantes de Manguinhos e do entorno.

Mas se cada um de nossos passos é de fato fora de série, este evento é peculiarmente especial por dois motivos. Homenageamos um dos maiores autores da Literatura Brasileira, Machado de Assis. E, para deixar essa homenagem com a cara do PVCM, optamos por seus textos e fragmentos que nos levam a discutir a afro descendência.

O outro motivo é que montamos, pela primeira vez, um Sarau a convite de outra instituição. Inauguramos, com esta ação, a parceria entre o PVCM e a Biblioteca Parque de Manguinhos. E, com isso, reafirmamos com alegria nossa crença nas famosas palavras de um poeta que já frequentou um de nossos livretos, Castro Alves: "Oh! Bendito o que semeia livros... livros à mão cheia, e manda o povo pensar".

Tomara, é o desejo de todos, que essa alegria dure o suficiente para vermos nosso sonho de transformação social realizado, e que (e pensamos assim porque somos gatos escaldados) não sejam as ações públicas, a que aderimos e que apoiamos, mero gesto paliativo, como é baixar o fogo de uma panela prestes a explodir.

Boa leitura. Vida longa à Biblioteca Parque.

Alunos e Professores do PVCM.

Era um leilão de escravos. Na fileira dos infelizes que estavam ali de mistura com os móveis, havia uma pobre criancinha abrindo olhos espantados e ignorantes para todos. Todos foram atraídos pela tenra idade e triste singeleza da pequena. Entre outros, notei um indivíduo que, mais curioso que compadecido, conjeturava a meia voz o preço por que se venderia aquele semovente.

De interesse geral é o fundo da emancipação, pelo qual se acham libertados em alguns municípios 230 escravos. Só em alguns municípios!

Esperemos que o número será grande quando a libertação estiver feita em todo o império.

A lei de 28 de setembro fez agora cinco anos. Deus lhe dê vida e saúde! Esta lei foi um grande passo na nossa vida. Se tivesse vindo uns trinta anos antes estávamos em outras condições.

A lei de 28 de setembro de 1871, "Lei Rio Branco", mais conhecida como "Lei do Ventre Livre", considerava livres todos os filhos de escravos nascidos a partir da sua data, e pretendia estabelecer um estágio evolutivo entre o trabalho escravo e o regime de trabalho livre, sem, contudo, causar mudanças abruptas na economia ou na sociedade. Na Câmara dos Deputados, o projeto de lei obteve 65 votos favoráveis e 45 contrários. Destes, 30 eram de deputados das três províncias cafeeiras: Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. No Senado do Império, foram 33 votos a favor e 7 contra. Entre os votos contrários, 5 foram de senadores das províncias cafeeiras.

Mas há 30 anos, não veio a lei, mas vinham ainda escravos, por contrabando, e vendiam-se às escâncaras no Valongo. Além da venda, havia o calabouço. Um homem do meu conhecimento suspira pelo azorrague.

- Hoje os escravos estão altanados, costuma ele dizer. Se a gente dá uma sova num, há logo quem intervenha e até chame a polícia. Bons

tempos os que lá vão! Eu ainda me lembro quando a gente via passar um preto escorrendo em sangue, e dizia: "Anda diabo, não estás assim pelo que eu fiz!" ? Hoje...

E o homem solta um suspiro, tão de dentro, tão do coração... que faz cortar o dito. *Le pauvre homme!*

A expressão em francês é uma citação do Tartufo, de Molière, cujo protagonista, marcado pelo oportunismo e hipocrisia que caracterizam seu comportamento, é a todo instante desmascarado perante o público.

Tinha ele uma escrava de 65 anos, que já lhe havia dado a ganhar sete ou oito vezes o custo. Fez anos e lembrou-se de libertar a escrava. . . de graça. De graça! Já isto é gentil. Ora, como só a mão direita soube do caso (a esquerda ignorou-o), travou da pena molhou-a no tinteiro e escreveu uma notícia singela para os jornais indicando o fato, o nome da preta, o seu nome, o motivo do benefício, e este único comentário: "Ações desta merecem todo o louvor das almas bem formadas."

Coisas da mão direita!

(11 mai 1888)

Não é novidade para ninguém que os escravos fugidos em Campos, eram alugados. Em Ouro Preto fez-se a mesma cousa, mas por um modo mais particular. Estavam ali muitos escravos fugidos. Escravos, isto é, indivíduos que, pela legislação em vigor eram obrigados a servir a uma pessoa; e fugidos, isto é, que se haviam subtraído ao poder do senhor, contra as disposições legais. Esses escravos fugidos não tinham ocupação; lá veio, porém, um dia em que acharam salário, e parece que bom salário.

Quem os contratou? Quem é que foi a Ouro Preto contratar com esses escravos fugidos aos fazendeiros A, B, C? Foram os fazendeiros D, E, F. Estes é que saíram a contratar com aqueles escravos de outros

colegas, e os levaram consigo para as suas roças.

Não quis saber mais nada; desde que os interessados rompiam assim a solidariedade do direito comum, é que a questão passava a ser de simples luta pela vida, e eu, em todas as lutas, estou sempre do lado do vencedor. Não digo que este procedimento seja original, mas é lucrativo. Alguns não me compreenderam (porque há muito burro neste mundo);

Toda a gente sabe que o quiosque é um dos exemplos mais expressivos da lei de adaptação. Creio que na capital donde ele nos veio, é o lugar onde se mete uma mulher a vender jornais.

Aqui serve de abrigo a um ativo cidadão, que vende cigarros e bilhetes de loteria. Parece, à primeira vista, que um negócio desses não há de deixar grandes fundos. Pois deixa; e a prova é que ainda agora, a Câmara, concedendo um, para o Largo de São Francisco de Paula, impôs ao pretendente uma entrada de quinhentos mil-réis para o livro de ouro.

(...)

Também há dias um anônimo teve a idéia de aconselhar ao governo um modo de acabar com a escravidão. Era estabelecer uma escala de preços para os títulos nobiliários, e convidar as pessoas que quisessem admissão ou promoção na classe. O autor chegou a citar nomes de titulares conhecidos e até de senhoras. Marcou ele mesmo os preços: um marquesado custaria cinquenta contos, etc...

A idéia em si não é má. Dever um título à alforria de uns tantos escravos, pode ser menos heróico, mas não é menos cristão que devê-lo à tomada de Jerusalém.

(...)

Não; o mal da idéia é que, por mais que acudissem aos títulos, o dinheiro que se recolhesse não chegaria para um buraco do dente da escravidão. O livro de ouro, da Câmara, é mais fácil de encher, porque é mais limitado.

Chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

- Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

- Oh! meu senhô! fico...

- Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo: tu crescestes imensamente. Quando nasceste eras um pirralho deste tamanho; hoje, estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

- Artura não qué dizê nada, não, senhô...

- Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis: mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

À época, uma camisa comum custava 3 mil-réis e o aluguel de uma casa de duas salas dois quartos, cozinha e quintal, por mês, 35 mil-réis.

- Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo: aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio: daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes de abolição legal, já eu em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia; que esse escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar, (simples suposição) é então professor de filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei,

mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: és livre, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu.

A Regente, que esperava a lei nova, assinou com sua mão delicada e superna.

E toda a terra onde chegava a palavra da Regente, de João Alfredo e dos seus discípulos, levantou brados de contentamento, e os próprios senhores de escravos a ouviam com obediência.

Menos no Bacabal, província do Maranhão, onde alguns homens declararam que a lei não valia nada, e, pegando no azorrague, castigaram os seus escravos cujo crime nessa ocasião era unicamente haver sido votada uma lei, de que eles não sabiam nada; e a própria autoridade se ligou com esses homens rebeldes.

Vendo isto, disse um sisudo de Babilônia, por outro nome Carioca: Ah! Se estivessem no Maranhão alguns ex-escravos daqui, que depois de livres, compraram também escravos, quão menor seria a melancolia desses que são agora duas coisas ao mesmo tempo, ex-escravos e ex-senhores. Bem diz o Eclesiastes: Algumas vezes tem o homem domínio sobre outro homem para desgraça sua. O melhor de tudo, acrescento eu, é possuir-se a gente a si mesmo.

"E, se tivesse crédito na praça, pedia emprestado a casamento uns cinco contos de réis, e ia comprar libertos. Comprar libertos não é uma expressão clara; por isso continuo.

- Os seus libertos ficaram todos?

- Metade só, ficaram cem. Os outros cem dispersaram-se; -consta-me que andam por Santo Antônio de Pádua.

- Quer o senhor vender-mos?

Espanto do leitor, eu, explicando:

- Vender-mos todos, tanto os que ficaram, como os que fugiram.

O leitor assombrado:

-Mas, senhor, que interesse pode ter o senhor...

- Não lhe importe isso. Vende-mos?

- Libertos não se vendem.

- É verdade, mas a escritura de venda terá a data de 29 de abril nesse caso, não foi o senhor que perdeu os escravos, fui eu. Os preços marcados na escritura serão os da tabela da lei de 1885- mas e realmente não dou mais de dez mil-réis por cada um.

Calcula o leitor:

- Duzentas cabeças a dez mil-réis são dous contos. Dous conto por sujeitos que não valem nada, porque já estão livres, é um bom negócio

Depois refletindo:

- Mas, perdão, o senhor leva-os consigo?

- Não, senhor: ficam trabalhando para o senhor; ou só levo escritura.

- Que salário pede por eles?

- Nenhum, pela minha parte. ficam trabalhando de graça. O senhor pagar-lhes-á o que já paga.

Naturalmente, o leitor, à força de não entender, aceitava o negócio. Eu ia a outro, depois a outro. depois a outro, até arranjar quinhentos libertos, que é até onde podiam ir os cinco contos emprestados, recolhia-me à casa, e ficava esperando.

Esperando o quê? Esperando a indenização, com todos os diabos! Quinhentos libertos, a trezentos mil-réis. termo médio, eram cento e cinquenta contos; lucro certo: cento e quarenta e cinco.

Porquanto, isto de indenização, dizem uns que pode ser que sim outros que pode ser que não: é por isso que eu pedia o dinheiro casamento. Dado que sim, passava e casava (com a leitora, por exemplo); dado que não, ficava solteiro e não perdia nada, porque o dinheiro era de outro. Confessem que era um bom negócio.

Eu até desconfio que há já quem faça isto mesmo, com a diferença de ficar com os libertos.

(15 mai 1892)

Não há abertura de Congresso Nacional, não há festa de Treze de Maio, que resista a uma adivinhação. A sessão legislativa era esperada com ânsia e será acompanhada com interesse. A festa de Treze de Maio comemorava uma página da história, uma grande, nobre e pacífica revolução, com este pingo de ser descoberta uma preta Ana ainda escrava, em uma casa de S. Paulo. Após quatro anos de liberdade, é de se lhe tirar o chapéu. Epimênides também dormiu por longuíssimos anos, e quando acordou já corria outra moeda; mas dormia sem pancadas. A preta Ana dormiu na escravidão, não sabendo até ontem que estava livre; mas como o sono da escravidão só se prolonga com a dormideira do chicote, a preta Ana para não acordar e saber casualmente que a liberdade começara, bebia de quando em quando a miraculosa poção. O caso produziu imenso abalo; o telégrafo transmitiu a notícia e todos os nomes.

Empimênides - poeta, filósofo e místico grego sobre o qual rezam algumas lendas. Uma delas é a de que teria dormido, em uma caverna, por 57 anos.

(4 nov 1897)

Entre tais e tão tristes casos da semana, como o terremoto de Venezuela, a queda do Banco Rural e a morte do sineiro da Glória, o que mais me comoveu foi o do sineiro.

(...)

O sineiro da Glória (...) era um escravo, doado em 1853 àquela igreja, com a condição de a servir dois anos. Os dois anos acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. Contem bem os anos, quarenta e cinco, quase meio século, durante os quais este homem governou uma torre. A torre era ele, dali regia a paróquia e contemplava o mundo.

Em vão passavam as gerações, ele não passava. Chamava-se João. Noivos casavam, ele repicava as bodas; crianças nasciam, ele repicava

ao batizado; pais e mães morriam, ele dobrava aos funerais. Acompanhou a história da cidade. Veio a febre amarela, o cólera-morbo, e João dobrando. Os partidos subiam ou caíam, João dobrava ou repicava, sem saber deles. Um dia começou a guerra do Paraguai, e durou cinco anos; João repicava e dobrava, dobrava e repicava pelos mortos e pelas vitórias. Quando se decretou o ventre livre das escravas, João é que repicou. Quando se fez a abolição completa, quem repicou foi João. Um dia proclamou-se a República, João repicou por ela, e repicaria pelo Império, se o Império tornasse.

Não lhe atribuas inconsistência de opiniões; era o ofício. João não sabia de mortos nem de vivos; a sua obrigação de 1853 era servir à Glória, tocando os sinos, e tocar os sinos, para servir à Glória, alegremente ou tristemente, conforme a ordem. Pode ser até que, na maioria dos casos, só viesse a saber do acontecimento depois do dobre ou do repique.

Pois foi esse homem que morreu esta semana, com oitenta anos de idade. O menos que lhe podiam dar era um dobre de finados, mas deram-lhe mais; a Irmandade do Sacramento foi buscá-lo à casa do vigário Molina para a igreja, rezou-se-lhe um responso e levaram-no para o cemitério, onde nunca jamais tocará sino de nenhuma espécie; ao menos, que se ouça deste mundo.

NOTA:

Os textos que compõem esse livreto são fragmentos de crônicas publicadas por Machado de Assis na imprensa carioca, sob diversos pseudônimos. A principal fonte de pesquisa foi o livro **Machado de Assis Afro-descendente**, organizado por Eduardo de Assis Duarte. Editora Pallas/Crisálida, Belo Horizonte, 2007

Pré-vestibular Comunitário de Manguinhos
Turma 2010

Amanda Roberta V. Teixeira

Charlene Paula Abreu

Creomiele da Silva Ferreira

Daiana P. De Menezes

Daiana Vieira da Silva

Danile Pereira Dantas

Elizabeth Gonçalves da Silva

Felipe Otávio M. Meireles

Gabriela da Silva

Henrique Figueiredo da Silva

Luan Barbosa Faro

Luísa E. Peixoto

Maria Diana S. Reis

Rogério Ferreira Barbosa

Terezinha Cristina Barreto

Vanessa P. S. Dias

Wanderson Barreto

Nesse percurso contamos sempre com o apoio de pessoas que contribuem para nosso trabalho. Ex-alunos que voltam professores e/ou coordenadores, alunos que organizam grupos de estudos para ajudar os colegas, professores que doam seu tempo e seu trabalho.

Por não caber citar todos os nomes, destacamos um com os quais queremos homenagear a todos aqueles que, em algum momento, se ocuparam do PVCM. É impossível esquecer o apoio de **Luiz Claudio Barreto**, lutador incansável pela sobrevivência do nosso movimento.

Realização:

PVCM

Pré-vestibular Comunitário de Manguinhos

www.pvcm.blogspot.com

Apoio:

Paróquia Santa Bernadete

Av. dos Democráticos, 896

**Texto
Território**
Lugar para criação de textos.
Textos para criação de lures.
www.textoterritorio.pro.br


**BIBLIOTECA
PARQUEMANGUINHOS**
Av. D. Helder Câmara, 1184